



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

**O IMPACTO DA LEI 10.639/03 NA ESCOLA:  
O CASO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**VIVIANE GRIGOLO**

**Porto Alegre  
2012**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

**O IMPACTO DA LEI 10.639/03 NA ESCOLA:  
O CASO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Viviane Grigolo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade.

Orientadora: Profa. Dra. Dóris Maria Luzzardi Fiss

**Porto Alegre  
2012**

## AGRADECIMENTO

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por mais esta conquista. Ao meu pai Ivanir (in memorian) que, espiritualmente, sempre esteve presente em minha vida. Ao meu esposo, Jackson, que me deu força e coragem nos momentos de dificuldade.

A toda minha família: ao Edovaldo o apoio, aos meus irmãos Arthur e Alex, e também à minha tia Neca e família e ao meu tio Pedro e família pelo carinho, à minha mãe, por todo o amparo e cuidado que sempre teve comigo, e a minha prima Alessandra que me emprestou o computador quando o meu não queria funcionar.

Aos meus alunos que seguravam minhas sacolas com polígrafos e livros para que eu conseguisse abrir a porta da sala de aula, às minhas colegas de graduação pela amizade e aos meus colegas de trabalho agradeço a preocupação.

A todos os meus professores desde o ensino fundamental até a especialização, agradeço a base para que eu pudesse chegar até aqui, a todos os colegas deste curso agradeço pelas trocas de experiência e a minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. Dóris Fiss a paciência e a ajuda no meu amadurecimento acadêmico.

Por fim, a todos que fazem parte da minha vida e mesmo aqueles que, distantes, torceram pelo meu sucesso, o meu muito obrigado.

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”.

Paulo Freire

## RESUMO

A Lei 10.639/03, de 9 de Janeiro de 2003, torna obrigatória a inclusão do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio das escolas brasileiras públicas e particulares. Esta foi uma conquista do movimento negro que, há muito tempo, lutava por uma valorização das origens étnicas do povo negro brasileiro. Neste trabalho, procurei identificar se os professores da Educação de Jovens e Adultos estão trabalhando este tema, com que frequência, de que forma e se estas atividades estão causando algum efeito nas atitudes e na maneira de pensar dos educandos. O que me motivou a pesquisar sobre esse assunto foi um fato que aconteceu na ONG onde eu trabalhava como Educadora Social. Percebi, durante pesquisa feita com os educandos sobre a etnia a que eles pertencem, constrangimento entre eles de se assumirem como afro-descendentes. Além desse acontecimento, vivenciei muitos outros, durante a minha trajetória profissional, que também apresentavam sinais de discriminação racial e que eram demonstrados através de agressões verbais e físicas. Cansada de presenciar frequentemente esses acontecimentos sem compreender melhor os seus significados, resolvi trabalhar com meus educandos a história e a cultura afro-brasileira. E foi neste momento que me deparei com a falta de informação que eu tinha sobre este assunto, pois, durante toda a minha formação acadêmica, esse tema pouco foi discutido. Trabalhar este tema é fundamental para combater o racismo, pois este tipo de atitude discriminatória é consequência de uma história mal contada que precisa urgentemente ser recontada, porém, de forma positiva. Foi este o motivo que me despertou o interesse em conversar com alguns professores e educandos sobre este assunto. Quero descobrir se os professores de educandos jovens e adultos estão conseguindo trabalhar este tema, de que forma estão trabalhando e se estas atividades causam alguma mudança significativa de pensamento e atitude nos educandos. Para atingir tal meta, realizei uma pesquisa qualitativa considerando as contribuições de Nilma Lino Gomes, Ana Lúcia Valente, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Luiz Carlos Paixão da Rocha.

**Palavras-chave:** Negro; Escola; Cultura, Educação de Jovens e Adultos.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. POLÍTICAS AFIRMATIVAS E EDUCAÇÃO.....	9
<b>2.1 A Lei Nº 10.639/2003 e seus desdobramentos .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 Raça e etnia.....</b>	<b>12</b>
<b>2.3 Os negros na escola .....</b>	<b>14</b>
<b>2.4 Identidade negra .....</b>	<b>19</b>
<b>2.5 Políticas de Ação Afirmativa para os Negros.....</b>	<b>22</b>
3. ANÁLISE .....	25
<b>3.1 A pesquisa .....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 As categorias a partir das respostas dos educadores.....</b>	<b>26</b>
3.2.1 Desenvolvimento de trabalhos sobre a cultura afro-brasileira.....	26
3.2.2 Modo de abordagem da cultura afro-brasileira.....	29
3.2.3 Objetivos da abordagem da cultura afro-brasileira .....	34
3.2.4 Impacto do trabalho sobre a cultura afro-brasileira.....	36
3.2.5 Conhecimento dos professores sobre as bases legais .....	37
<b>3.3 Significados das respostas dos alunos .....</b>	<b>38</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES.....	44
APÊNDICE I .....	45
APÊNDICE II .....	47
ANEXOS .....	49
ANEXO I.....	50
ANEXO II .....	62

## 1. INTRODUÇÃO

A Lei 10.639/03, de 9 de Janeiro de 2003, torna obrigatória a inclusão do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio das escolas brasileiras públicas e particulares. Esta foi uma conquista do movimento negro que, há muito tempo, lutava por uma valorização das origens étnicas do povo negro brasileiro. Neste trabalho, procurei identificar se os professores da Educação de Jovens e Adultos estão trabalhando este tema, com que frequência, de que forma e se estas atividades estão causando algum efeito nas atitudes e na maneira de pensar dos educandos.

O que me motivou a pesquisar sobre esse assunto foi um fato que aconteceu na ONG onde eu trabalhava como Educadora Social nos anos de 2010 e 2011. Percebi, durante pesquisa feita com os educandos sobre a etnia a que eles pertencem, constrangimento entre eles de se assumirem como afro-descendentes. Feita a pergunta sobre a cor de cada educando e apresentadas as opções Branco, Pardo, Índio ou Negro, as crianças, sendo negras, preferiram dizer que eram de origem indígena. Somente um aluno disse que era pardo e nenhum se auto-representou como negro. Além desse acontecimento, vivenciei muitos outros, durante a minha trajetória profissional, que também apresentavam sinais de discriminação racial e que eram demonstrados através de agressões verbais e físicas.

Cansada de presenciar frequentemente esses acontecimentos sem compreender melhor os seus significados, resolvi trabalhar com meus educandos a história e a cultura afro-brasileira. E foi neste momento que me deparei com a falta de informação que eu tinha sobre este assunto, pois, durante toda a minha formação acadêmica, esse tema pouco foi discutido.

Trabalhar este tema é fundamental para combater o racismo, pois este tipo de atitude discriminatória é consequência de uma história mal contada que precisa urgentemente ser recontada, porém, de forma positiva. Foi este o motivo que me despertou o interesse em conversar com alguns professores e educandos sobre este assunto. Quero descobrir se os professores de educandos jovens e adultos estão conseguindo trabalhar este tema, de que

forma estão trabalhando e se estas atividades causam alguma mudança significativa de pensamento e atitude nos educandos. Para atingir tal meta, realizei uma pesquisa qualitativa considerando as contribuições de Nilma Lino Gomes, Ana Lúcia Valente, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Luiz Carlos Paixão da Rocha.



## **2. POLÍTICAS AFIRMATIVAS E EDUCAÇÃO**

### **2.1 A Lei Nº 10.639/2003<sup>1</sup> e seus desdobramentos**

O Conselho Nacional de Educação, pela Resolução CP/CNE nº 1, de 17 de junho de 2004, estabeleceu Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais que dizem respeito ao ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Propôs-se, inclusive, que elas fossem analisadas por todas as instituições de ensino e, de modo especial, por instituições de formação inicial e continuada de professores de modo a incorporar, em suas práticas curriculares, temas relacionados às questões étnico-raciais. Estas diretrizes foram construídas com base no Parecer CP/CNE nº 3, de 10 de março de 2004, que foi homologado pelo Ministro da Educação, em 19 de maio de 2004. No próprio texto da Resolução, lê-se que

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

Conforme destaca Rocha (2006), o Parecer CP/CNE Nº 3/2004, que tem como um dos objetivos a regulamentação da Lei 10.639/03, fundamenta-se nos dispositivos da Constituição Federal (Artigos 5, 210, 206, 242, 215,216) e nos Artigos 26, 26A e 79B, da Lei 9394/96, que tratam do direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, do direito às histórias e às culturas que compõem a nação brasileira na escola, e do direito ao acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros. O Parecer destaca a importância da valorização da história e da cultura dos afro-brasileiros e dos africanos e o compromisso com a educação das relações étnico-raciais.

---

<sup>1</sup> Disponível em Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 30 de março de 2012.

Salienta a relação entre a nova legislação e a reivindicação de políticas afirmativas na área da educação. “Trata-se de política curricular fundada em dimensões históricas, sociais e antropológicas, oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo, e as discriminações que atingem particularmente os negros” (CNE, 2004)

Como se disse antes, o Conselho Nacional de Educação tomou estas decisões em cumprimento à Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que modifica a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), e torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica. Deste modo, as Diretrizes deliberam pela inclusão, no conteúdo programático, de diversos assuntos relacionados ao estudo da História da África e dos Africanos tanto nas instituições públicas quanto nas instituições privadas. As áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira passam a ter o dever de desenvolver os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira. O Parecer também propõe uma série de ações pedagógicas para o conjunto da escola, visando à implementação da Lei.

A nova legislação acrescentou dois Artigos à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), que estão transcritos abaixo:

Art.26-A - Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.

Parágrafo Primeiro – O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

Parágrafo segundo – Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, em especial, nas áreas Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

Art. 79-B – O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Portanto, pela Resolução que institui as Diretrizes Curriculares, além da inclusão de conteúdos programáticos relacionados à História e Cultura Afro-brasileira, ficou instituído o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Nos termos explicitados no Parecer CP/CNE N° 3/2004, a obrigatoriedade de inclusão, nas disciplinas e atividades curriculares, da educação das relações étnico-raciais, e o desenvolvimento de temáticas que abordem os afrodescendentes inclui, também, as instituições de ensino superior. Ficou estabelecido, também, que o cumprimento das diretrizes de ensino será avaliado nas instituições de ensino superior durante o credenciamento e credenciamento e renovação de reconhecimento de cursos superiores. Nos outros estabelecimentos de ensino, tanto públicos quanto privados, serão avaliadas as condições de funcionamento.

De acordo com as diretrizes, o objetivo da educação das relações étnico-raciais é espalhar e produzir conhecimentos que conscientizem os cidadãos a respeito da pluralidade étnico-racial, bem como garantir a todos seus direitos legais de forma democrática, buscando relações étnico-sociais positivas. Este ensino da história e cultura dos afro-brasileiros tem como finalidade a valorização da identidade, da história e da cultura dos mesmos sem distinção com relação a outras culturas. A Resolução N° 1/2004 assim se manifesta em relação a estes objetivos:

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

Conforme o disposto nestes documentos legais fica, também, garantido, às escolas e aos professores e alunos, material bibliográfico e material didático para trabalhar os assuntos referentes à Lei N° 10.639/2003. A fim de possibilitar as trocas de experiências entre os professores, o Parecer incentiva sistemas e estabelecimentos de ensino a estabelecer canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições

formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros.

Pelo disposto, os alunos afrodescendentes têm garantidos os mesmos direitos que os alunos não negros, como o de uma escola de qualidade onde o professor não permita nenhum tipo de discriminação para com eles. Garantir tal direito significa, também, desenvolver atividades com os alunos que possibilitem a reflexão sobre a importância do respeito à diversidade.

Convém ressaltar que, para examinar informações sobre as questões a respeito das quais delibera o Parecer CP/CNE nº 3, de 10 de março de 2004, foram encaminhados em torno de 1000 questionários a pessoas de diferentes níveis de educação que se dedicam a buscar o respeito à diversidade cultural. Antes mesmo de o parecer explicitar as normas sobre o trabalho com cultura afro-brasileira e africana em instituições de ensino, as respostas destes questionários já apontavam a importância de se debater sobre estes assuntos.

Toda esta política de reparação histórica está voltada para combater ao racismo e para devolver aos descendentes de africanos negros todos os direitos que lhes foram negados durante o período escravista.

## **2.2 Raça e etnia**

A palavra raça, segundo o Parecer N° 3/2004 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, refere uma construção social e carrega, em seu significado, certa intenção de disfarçar as relações conflituosas entre negros e brancos para que elas não pareçam graves. Este significado é bem diferente daquele preconizado no século XVIII – um conceito plenamente biológico. Este termo ainda é utilizado, nas relações sociais brasileiras, para confirmar certas características físicas (cor da pele e traços fisionômicos, entre outras) que diferem a cultura africana das outras culturas. Entretanto, o movimento negro modificou o significado do termo com o objetivo de valorizar a herança deixada pelos africanos. A este respeito, ainda convém lembrar algo sobre o que fala Rocha (2006, p. 5):

[...] dado que o termo “raça” esconderia as determinações históricas sob a neutralidade da determinação biológica, os pesquisadores da temática tendem a substituí-lo pelo termo “etnia”, cujo conceito alocaria questões de ordem cultural. A palavra “etnia” foi inventada pelo zoologista francês Vacher de Lapouge, por volta de 1896, para designar o sentimento de vida comunitária, de vínculo afetivo, de solidariedade, do compartilhamento de costumes e da crença na mesma origem e ancestralidade entre indivíduos, distinguindo-se, portanto, da classificação dos seres humanos como pertencentes a raças ou nações [...]. Embora o conceito de etnia supere o conceito de raça, este ainda é insuficiente para a análise mais apurada do movimento histórico que produziu e produz o quadro de exclusão social do negro brasileiro. Em muitas situações, o conceito de etnia vem sendo aliado a um certo determinismo cultural. O privilégio à categoria etnia, em tese, conceito mais próximo da realidade, pode levar ao risco da restrição da questão ao aspecto da tolerância e valorização cultural, negando, assim, o processo de exclusão social.

De qualquer forma e independente do termo pelo qual se opte, as categorias raça e etnia, quando utilizadas, devem ser entendidas como categorias históricas, isto é, como produto de determinações na subjunção de uma classe à outra. E o racismo é, desta maneira, resultado de justificações e classificações ideológicas, com o objetivo de subjugação e exploração da força de trabalho.

Grande parte da população brasileira (45%<sup>2</sup>) é composta por negros, de acordo com o censo do IBGE, mas nem este fato é relevante para acabar com o racismo. Mesmo com esta incidência, a cultura que predomina é a do branco europeu.

As relações étnico-raciais, conforme o Parecer N° 3/2004, se definem como uma reeducação das relações entre negros e brancos. Como destaca o Parecer, “a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (CNE, 2004, p. 8). Porém, para que esta reeducação aconteça, a escola não poderá ser a única responsável, será preciso à intervenção de diversos órgãos.

De todo modo, a escola tem um importante papel no combate das desigualdades, pois é a partir dela que passam a ocorrer relações sociais mais amplas na vida do indivíduo e, por consequência, situações de discriminação.

---

<sup>2</sup> Conforme dados obtidos no Parecer N° 3/2004, na prática este número é muito maior em virtude da forma de medição utilizada pelo IBGE.

Para diminuir as desigualdades, a escola precisa ser um ambiente democrático e igualitário. Os professores precisam se reciclar, eliminando todo e qualquer pensamento discriminatório que engrandeça uma cultura em relação à outra. “O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola” (Parecer N° 3/2004, p. 9).

Um dos principais erros que o professor comete é o de se preocupar com a maneira com que vai denominar seus alunos negros, sem correr o risco de ofendê-los. Ser negro é muito mais que característica física, ser negro é fazer parte de uma escolha política. É importante lembrar, nesse sentido, que a palavra preto ainda é um item utilizado pelo IBGE para classificar a cor da população brasileira. Segundo o Movimento Negro, só se assume como negro aquele que reconhece sua origem africana.

A palavra negro foi utilizada pelos senhores, de forma pejorativa, internalizando, nas pessoas, o sentimento de algo negativo para tudo que se diz negro. Conforme descrito no parecer, este sentido negativo da palavra ainda existe.

Neste sentido, o racismo moderno constitui-se, enquanto forma de dominação de uma classe sobre a outra, dentro das relações de produção da vida material, o que não é o caso da escravidão presente nas antigas sociedades greco-romanas. Estas não desenvolveram teorias de superioridade branca (Rocha, 2006 p.7).

Conforme o Parecer N° 3/2004, torna-se indispensável que exista formação para os professores sobre as questões relacionadas à diversidade étnico-racial, para que eles se sintam preparados e consigam desenvolver estratégias pedagógicas que reeduquem as pessoas com relação a estas questões.

### **2.3 Os negros na escola**

Segundo Gonçalves e Silva (2007), quando paramos para refletir sobre o grau de ensino dos negros no Brasil, a primeira questão, com que nos

confrontamos, são as injustiças sofridas por eles no passado e que ainda permanecem vivas. Estas injustiças ocasionaram problemas tão densos que, mesmo com o progresso da tecnologia, durante todo o século XX, isto foi insuficiente para resolvê-los – o que ocasionou o aumento das desigualdades, bem o oposto do que se esperava.

Somente depois de muitas transformações sociais surgiram estratégias que mobilizaram os primeiros movimentos de protestos dos negros. Coletivamente eles passaram a lutar contra as formas de dominação social.

Dentre as bandeiras de luta, destaca-se o direito à educação. Esta esteve sempre presente na agenda desses movimentos, embora concebida com significados diferentes: ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora como veículo de ascensão social e, por conseguinte, de integração; ora como instrumento de conscientização por meio do qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo, a partir deles, reivindicar direitos sociais e políticos, direito à diferença e respeito humano (Fernandes apud Gonçalves e Silva, 2007).

De acordo com Gonçalves e Silva (2007), a maioria dos homens negros, nascidos no início do século XX, só tiveram a oportunidade de ingressar na escola na idade adulta. O autor cita, também, que os jornais responsabilizavam os negros pelas ruins condições de escolaridade.

Ser alfabetizado era a principal ponte para se incluir socialmente. Destacam Gonçalves e Silva (2007) que, para que eles pudessem lutar pelos seus direitos, era importante que eles conhecessem as leis, portanto, precisavam saber ler. No entanto, “À medida que avançamos no tempo, as exigências das novas gerações, no meio negro, aumentam. Não se reivindicava apenas acesso ao ensino fundamental, queria-se mais: ensino médio e universitário” (Gonçalves e Silva, 2007, p. 206).

É importante destacar que, “[...] embora a educação tenha se universalizado, por meio da escola pública e gratuita, ela continua sendo um dos campos de ação das organizações negras. Hoje esses campos têm sido assumidos por organizações não governamentais” (Gonçalves, 2007, p. 210).

É quase que impossível, segundo Gonçalves e Silva (2007), descrever o número de vezes que a comunidade negra reivindicou seus direitos, pela falta

de registros destas ações e porque poucas pessoas tiveram interesse em pesquisar sobre a população negra durante o século XX. Apesar disso, nos contam Gonçalves e Silva (2007) sobre registros extraídos do jornal *A Voz da Praça*, de 1934, que denunciavam a existência de algumas escolas que só matriculavam as crianças negras, porque existia uma lei que as obrigava. Como se não bastasse, alguns professores faziam diferença entre estes alunos, o que desanimava os familiares das crianças que as retiravam da escola e, em certas situações, encontravam, como solução, entregá-las ao trabalho.

Além de reivindicar o direito pela escolaridade, também é importante exigir a qualidade deste ensino que é oferecido, pois o ponto forte das desigualdades está, em grande evidência, nas escolas (Gonçalves e Silva, 2007, p. 218-219). Ao longo dos anos, várias ações foram realizadas com o objetivo de repensar a escola na sua relação com o negro e sua cultura. Nesse sentido, a Convenção do Movimento Negro Unificado, ocorrida em Belo Horizonte em 1982, teve muita importância pelo modo como chamou a atenção para o lugar do negro na escola. Destaca-se que, nesta Convenção,

[...] as delegações aprovaram o Programa de Ação do MNU (Movimento Negro Unificado). Entre as estratégias de luta, propunha-se uma mudança radical nos currículos, visando à eliminação de preconceitos e estereótipos em relação aos negros e à cultura afro-brasileira na formação de professores com o intuito de comprometê-los no combate ao racismo na sala de aula. Enfatiza-se a necessidade de aumentar o acesso dos negros em todos os níveis educacionais e de criar, sob a forma de bolsas, condições de permanência das crianças e dos jovens negros no sistema de ensino (Programa de Ação, 1982, p.4-5, apud Gonçalves e Silva, 2007, p. 212).

Durante este mesmo período (1982), houve mudanças nos governos estaduais e nas capitais do país. Algumas administrações organizaram grupos de assessoria para assuntos referentes à comunidade negra. Estes assessores eram recrutados na própria comunidade negra e muitos vinham da militância em movimentos, em partidos ou sindicatos. Entre outras coisas, eles buscavam intervir nos currículos escolares e nos livros didáticos.

No Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro, entre os anos 1983 e 1984, aconteceu uma série de eventos com o objetivo de produzir algum



registro de experiências de educação comunitária no país. Foram encontradas, no material coletado, várias referências a práticas educativas que visam à educação de comunidades negras. A maioria das experiências concentrava-se na cidade do Rio de Janeiro e em Salvador.

Estes eventos possuem um papel muito importante na história da educação dos negros brasileiros. Um bom exemplo são os eventos organizados na entidade Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, de Porto Alegre, fundada em 1872, que guarda em seus registros a trajetória de luta contra o racismo no Brasil.

A sociedade organizou, entre 1984 e 1985, dois grandes eventos: I e II Encontros Nacionais Sobre a realidade do Negro na educação que contou com o apoio de agentes de Pastoral de Negros do partido democrático trabalhista do RS, com a participação de militantes, intelectuais, pesquisadores e de muitos professores da rede pública de ensino. Vários participantes vieram de outros estados.

Estes encontros, segundo Gonçalves e Silva (2007), melhoraram a auto-estima e confiança da população negra gaúcha que foi percebida, através da mudança em algumas práticas pedagógicas realizadas em algumas instituições. Após o evento, foram criados vários projetos com o objetivo de incluir os temas de cultura e história dos negros nos programas escolares, mas esta era uma prática realizada por professores militantes em suas salas de aula. A Secretaria Municipal de Educação de Santa Cruz do Sul instituiu (por força de lei) o ensino de história do negro nas escolas municipais e a semana de consciência negra.

A Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul criou o projeto Negro e Educação, que promovia atividades de divulgação de história e cultura negra para estimular orientadores educacionais em ações que visam ao desenvolvimento da auto-estima de alunos negros e seu rendimento escolar.

Em 1986, foi organizado o primeiro evento em que se fez um balanço da produção teórica sobre o tema Raça Negra e Educação, pela Fundação Carlos Chagas, sob encomenda do Conselho de Desenvolvimento e com a participação da Comunidade Negra do Estado de São Paulo.

No ano de 1987, a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) foi pressionada (por entidades negras de Brasília) a adotar medidas que

combatassem ao racismo nos livros didáticos. Foram convidados, para participar do evento em que se buscava fazer o balanço dos problemas de discriminação nos livros didáticos, representantes de organizações negras de todo o país.

Com o Centenário da Abolição, em 1988 se intensificou o debate sobre os negros e a educação. Em diferentes regiões e estados aconteceram diversos eventos. O VIII Encontro dos Negros do Norte e Nordeste foi um deles e seu principal objetivo, era tratar de questões educacionais que afetam o negro brasileiro.

Durante toda a década de 80, o movimento negro se envolveu em questões para tornar o ensino mais democrático.

A partir de 1994, as secretarias de educação e as entidades negras começaram a produzir boas experiências que, segundo Gonçalves e Silva (2007), acontecem até hoje<sup>3</sup>:

O exemplo desse envolvimento é o trabalho que vem sendo realizado pelo Núcleo de Estudos do Negro, NEN, com financiamento da Fundação Ford. Têm sido realizados vários seminários organizados por esse Núcleo, com a participação de professores do ensino fundamental do Estado de Santa Catarina, estendendo-se também aos outros estados da Região Sul. Há três anos ininterruptos o Núcleo tem publicado um caderno trimestral de pesquisas educacionais tratando do tema do negro e a educação: a série Pensamento Negro e Educação. Estas publicações de certa forma buscam responder a preocupações, ideais, propostas como os manifestados e debatidos no seminário sobre Pensamentos Negros em Educação – Expressões do Movimento Negro, realizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos, em 1995, e que resultou em publicação com o mesmo título organizada por Silva & Barbosa (1997) 4. (p. 220)

Em Salvador também ocorreram experiências semelhantes pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), apoiados pela Universidade Federal e Estadual da Bahia. Os professores eram capacitados para trabalhar com o tema da diversidade cultural.

---

<sup>3</sup> Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, no artigo “Movimento negro e educação”, produzido em 2007, retomam várias ações que envolvem a questão do negro na escola. Algumas dessas ações perduram até hoje.

<sup>4</sup> A publicação referida é SILVA, P. B. G. e & BARBOSA, L. M. de A. **Pensamentos Negros em Educação**: expressões do Movimento Negro. São Carlos: Ed. da Universidade Federal de São Carlos, 1997.

O tema da diversidade, embora tenha aparecido na década de 90, é antigo, pois ele acompanha a inclusão dos negros na moderna sociedade brasileira.

## **2.4 Identidade negra**

Para Gomes (2007), as identidades sociais são construídas no ambiente escolar, pois é nele que, além das informações escolares, são desenvolvidos conhecimentos sociais e culturais.

Durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi à comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais (Gomes, 2007, p. 232).

O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras o fazem simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo. Mas, de um modo geral, quando observamos crianças negras trançadas, notamos duas coisas: a variedade de tipos de tranças e o uso de adereços coloridos. Tal prática explicita a existência de um estilo negro de pentear-se e adornar-se, o qual é muito diferente das crianças brancas, mesmo que estas se apresentem enfeitadas. Essas situações ilustram a estreita relação entre o negro, o cabelo e a identidade negra. A identidade negra compreende um complexo sistema estético (Gomes, 2007, p. 235).

A maneira como as pessoas criticam as características do negro causa sofrimentos difíceis de serem esquecidos. Mais grave ainda é que, segundo Gomes (2007), somente depois que estas pessoas deixam a escola é que conseguem desabafar e discutir sobre estes acontecimentos.

Se antes a aparência da criança negra, com sua cabeleira crespa, solta e despenteada, era algo comum entre a vizinhança e coleguinhas negros, com a entrada para a escola essa situação muda. A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas (Gomes, 2007, p. 237).

[...] apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos (Gomes, 2007, p. 238).

Pertencer ou não a um segmento étnico-racial faz muita diferença nas relações estabelecidas entre os sujeitos da escola, nos momentos de avaliação, nas expectativas construídas em torno do desempenho escolar e na maneira como as diferenças são tratadas. Embora atualmente os currículos oficiais aos poucos incorporem leituras críticas sobre a situação do negro, e alguns docentes se empenhem no trabalho com a questão racial no ambiente escolar, o cabelo e os demais sinais diacríticos ainda são usados como critério para discriminar negros, brancos e mestiços. A questão da expressão estética negra ainda não é considerada um tema a ser discutido pela pedagogia brasileira.

Nos espaços escolares, as oportunidades de comparação, a presença de outros padrões estéticos, estilos de vida e práticas culturais ganham destaque no cotidiano da criança e dos adolescentes negros, muitas vezes de maneira contrária àquela aprendida na família. Em alguns casos, é o cuidado da mãe, a maneira como a criança é vista no meio familiar, que lhe possibilitam a construção de uma auto-representação positiva sobre o ser negro e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo. Diante disso, pode-se inferir que saber lidar, manusear e tratar do cabelo crespo está intimamente associado a estratégias individuais de construção da identidade negra.

Para o adolescente negro, a insatisfação com a imagem, com o padrão estético, com a textura do cabelo é mais do que uma experiência comum dos que vivem esse ciclo da vida. Essas experiências são acrescidas do aspecto racial, o qual tem na cor da pele e no cabelo os seus principais representantes. Tais sinais diacríticos assumem um lugar diferente e de destaque no processo identitário de negros e brancos brasileiros. A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa auto-estima contra a qual se faz necessária à construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. Muitas vezes, essas experiências acontecem ao longo da trajetória escolar. Sendo assim, como adverte Gomes (2007), a escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos.

No entanto, no movimento dialético das relações sociais, a ação do racismo sobre os negros resulta em formas variadas, sutis e explícitas de reação e resistência. Nesse contexto, o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política. Esse é mais um dos motivos pelos quais consideramos que a escola deve superar os preconceitos em relação à estética negra (Gomes, 2007, p. 245).

Na escola, não só se aprende a reproduzir as representações negativas sobre o cabelo crespo e o corpo negro; pode-se também aprender a superá-las. Para isso, elas terão que ser consideradas temáticas merecedoras de um lugar no currículo e nas discussões pedagógicas. Mas quais serão as representações sobre a relação negro, corpo e cabelo presentes na escola? Em que momentos elas aparecem e como elas aparecem? Como tais representações se manifestam no currículo? Como os sujeitos negros e brancos vivem suas experiências corpóreas dentro e fora da escola? Muitas vezes, esses processos delicados e tensos passam despercebidos pela instituição escolar e pelos profissionais da educação, e não são incluídos nos debates e nas discussões desenvolvidas nos cursos de formação de professores.

## 2.5 Políticas de Ação Afirmativa para os Negros

“Quando se trata de discutir políticas de ação afirmativa para os negros, essa reflexão parece mais complexa devido ao “componente racial” que chamaria a atenção para a diversidade, para a especificidade” (Gomes, 2007, p. 251). Assim, a passagem da educação intercultural à educação para a cidadania exige reflexões que ultrapassam o campo da educação, ocupando o espaço de discussões jurídicas. Nesse caso, importa estabelecer uma linha de reflexão teórica que recupere a totalidade histórica definida pela organização social dominante.

Convém observar que, paradoxalmente, o reconhecimento da diversidade pode também sustentar a intolerância e o acirramento de atitudes discricionárias, especialmente quando a diferença passa a justificar um tratamento desigual (Valente, 1999, 2007). Além disso, algumas vezes esbarra-se no equívoco de “educadores pós-modernos” segundo o qual a temática da diferença cultural deve ser percebida como “novidade”, recolocando-se a importância da tarefa de recuperar a história e a luta dos povos oprimidos e, com ela, a própria história do multiculturalismo (Gonçalves & Silva, 1998), sem deixar de inseri-la num contexto mais amplo de compreensão (Gomes, 2007).

No trabalho *As políticas de ação afirmativa e o obstáculo epistemológico*, apresentado na reunião da ANPEd, realizada em 2000, Gomes procurou restaurar idéias, há muito discutidas por estudiosos e militantes, que norteiam a discussão sobre as políticas de ação afirmativa específicas para os negros. O autor tentou demonstrar:

- 1) a necessidade de se legitimarem, teórica e praticamente, as políticas de discriminação positiva, no Brasil, considerando seu sistema de relações raciais, diferente daqueles historicamente construídos em outros países;
- 2) os limites do conceito de *afrodescendência*, que não supera a ambigüidade do conceito de *identidade negra*;
- 3) a possibilidade de construção de uma *identidade mestiça*, num contexto plural de negociação político-ideológica;
- 4) as dificuldades para estabelecer a clientela, que deve ser definida numericamente ou em termos populacionais, para a qual seriam dirigidas as ações discriminatórias positivas.

Segundo Gomes (2007), essa análise permitiu afirmar que o “mulato” continua sendo um obstáculo epistemológico para a implementação de políticas de ação afirmativa para os negros, parafraseando o conhecido intelectual e militante negro Eduardo de Oliveira e Oliveira. Entre outras coisas, também convém lembrar que há diferenças na maneira como são recebidas as ações afirmativas, percebendo-se uma simpatia maior por outras propostas que não aquelas apresentadas por representantes da população negra, ou seja, têm sido melhor aceitas as propostas de:

- educação intercultural bilíngüe para os índios, inclusive previstas na LDB;
- valorização das mulheres, como o aumento percentual da representação político-partidária;
- garantia de mercado de trabalho para os portadores de necessidades especiais, como a reserva de vagas legalmente asseguradas em concursos públicos;
- idosos e homossexuais, reivindicando por maior respeito e espaço de expressão (Gomes, 2007).

De um lado, setores importantes e representativos do movimento negro defendem, com intransigência, a necessidade premente de medidas específicas serem implementadas. Em síntese, essa defesa parte da avaliação de que, historicamente, há dívidas que devem ser saldadas pelos brasileiros aos negros, remontando aos 500 anos do país: além de terem sofrido a violência do sistema escravista, continuaram e continuam a sofrer desvantagens socioeconômicas, geradas por cumulativas atitudes discriminatórias. De outro lado, parcelas expressivas da sociedade nacional, com igual veemência, abominam toda e qualquer proposta dessa natureza, mas não pelos mesmos motivos. Para alguns, ao reafirmarem o mito da democracia racial, não haveria razão para que fosse oferecido um “tratamento especial” para os negros. Outros, incluindo algumas tendências da organização negra, acreditando que já existem provas cabais da existência do racismo entre nós, temem as conseqüências futuras geradas pela implementação das políticas de ação afirmativa (Gomes, 2007, p. 254, 255).

Cabe destacar, ainda, um outro elemento, retomando o que se disse antes. Em primeiro lugar, de maneira geral, as políticas afirmativas são compreendidas como “um conjunto de políticas de caráter público ou privado, temporárias, que visam reparar um dano material junto a determinado grupo social, historicamente desfavorecido e injustiçado, uma ferramenta utilizada para

combater os efeitos da discriminação racial, religiosa etc.” (Rocha, 2006, p. 98). No entanto, o assunto de que se trata aqui (a inclusão do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares e seus impactos) está diretamente relacionado a documentos legais (Lei Nº 10.639/2003, Resolução Nº 1/2004 e Parecer Nº 3/2004 que trata das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais) que não têm caráter transitório. Por seu caráter permanente, não se constituem como ações afirmativas, mas ações valorizativas<sup>5</sup> que se constituem num contexto de ações afirmativas as quais, no texto do Parecer Nº 3/2004, precisam se traduzir em práticas seguidoras dos seguintes princípios:

- consciência política e histórica da diversidade;
- fortalecimento de identidades e direitos;
- ações educativas de combate ao racismo e à discriminação.

O calcanhar de Aquiles passa a ser *como* fazê-lo, sem que disso resulte o efeito contrário que se pretende: que essas políticas não se transmutem em tiros que saem pela culatra ou que sejam analisadas romântica e ingenuamente. Essa parece ser a condição para que o processo possa ser direcionado para o atendimento dos interesses e necessidades do grupo racial na perspectiva da transformação. Voltar os olhos para o passado, buscando avaliar as lições vividas no Brasil e no plano internacional, é exigência imprescindível para que os mesmos erros e equívocos não sejam cometidos.

---

<sup>5</sup> “As ações valorizativas [...] são entendidas como aquelas que têm por meta combater estereótipos negativos, historicamente construídos e consolidados na forma de preconceitos e racismo. Tais ações têm como objetivo reconhecer e valorizar a pluralidade étnica que marca a sociedade brasileira e valorizar a comunidade afro-brasileira, destacando tanto seu papel histórico como sua contribuição contemporânea à construção nacional. Nesse sentido, as políticas e as ações valorizativas possuem caráter permanente e não focalizado. Seu objetivo é atingir não somente a população racialmente discriminada – contribuindo para que ela possa reconhecer-se na história e na nação –, mas toda a população, permitindo-lhe identificar-se em sua diversidade étnica e cultural. As políticas de informação também serão aqui identificadas como ações valorizativas” (Jaccoud, 2002, apud Rocha, 2006, p. 99).



### 3. ANÁLISE

#### 3.1 A pesquisa

Conforme o Parecer CP/CNE N° 3/2004, que regulamenta a Lei N° 10.639/03, é recomendado que todos os professores incluam no currículo atividades sobre a história e cultura afro-brasileira e africana em suas aulas durante o ano letivo. Porém, os professores das áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira passam a ter o dever de desenvolver estes conteúdos no período escolar. Neste trabalho, buscamos focar a pesquisa nos professores que possuem a responsabilidade maior pelo desenvolvimento desta temática.

Para atingir este objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa quanti-qualitativa. Segundo Minayo (2007, p. 16), pesquisa é a

[..] atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. [...] embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. [...] As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos.

A pesquisa qualitativa, por sua vez, responde a questões muito particulares:

[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2007, p. 21).

Uma entrevista semiestruturada (Apêndice I) foi aplicada a 10 (dez) professores destas três áreas e outra entrevista foi dirigida a 51 educandos jovens e adultos (Apêndice II) de uma escola da rede pública estadual

localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre.<sup>6</sup> Cabe destacar que, segundo Minayo (2007), a entrevista é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Ela é “[...] uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador” (p. 64) e “[...] tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa” (op. cit.). Enfim, se trata de uma conversa com finalidades e se caracteriza pela sua forma de organização. Neste caso, a entrevista semi-estruturada é aquele tipo que “[...] combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (p. 64).

Durante o processo de análise das entrevistas, foram criadas cinco categorias:

1. desenvolvimento de trabalhos sobre a cultura afro-brasileira;
2. modo de abordagem da cultura afro-brasileira;
3. objetivos de abordagem da cultura afro-brasileira;
4. impacto do trabalho sobre a cultura afro-brasileira;
5. conhecimento dos professores sobre as bases legais.

### **3.2 As categorias a partir das respostas dos educadores**

#### **3.2.1 Desenvolvimento de trabalhos sobre a cultura afro-brasileira**

Sob o ponto de vista do trabalho realizado pelos professores, inicialmente buscamos identificar o desenvolvimento de assuntos e atividades cujo foco fosse a cultura afro-brasileira e africana nas aulas, bem como a frequência desta abordagem. Perguntou-se: Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência?

Durante a leitura das respostas dos professores sobre esta questão, identificamos três situações:

---

<sup>6</sup> Cabe referir que esta entrevista foi aplicada de dois modos diferentes em função da preferência dos professores: alguns optaram por respondê-la por escrito e devolvê-la depois, outros optaram por conversar comigo sobre os assuntos propostos nas questões e me autorizaram e registrar suas respostas. Além disso, alguns deles conversaram comigo, informalmente e em outros momentos, sobre o trabalho com relações étnico-raciais na escola, agregando mais elementos às suas respostas.

1. A maioria dos professores (cinco) não inclui este assunto no seu currículo de modo a trabalhar constantemente o tema. O trabalho se dá de forma episódica. Assim se manifestaram esses professores:

Sim. Normalmente no período da **semana da consciência negra**. (D.M) (Grifos meus)  
 Trabalho em religião. Na **semana da consciência negra**. (L.O) (Grifos meus)  
 Trabalhos não, mas o assunto sempre vem à tona quando se estuda Idade Moderna, Contemporânea e Brasil (não é trabalhado, é abordado). É trabalhado na **semana da consciência negra**. (L.S.S) (Grifos meus)  
 Sim, **uma parte de um trimestre**. (G.A.P) (Grifos meus)  
 Sim, em média **uma vez por trimestre**. (D.R.A.M) (Grifos meus)

2. Alguns (quatro) tentam, de certa forma, incluir este tema no currículo. Eles disseram que:

Sim, **regularmente**. (G.M.R) (Grifos meus)  
 Sim, **o ano todo**. (L.N.C) (Grifos meus)  
**Não com a frequência que gostaria**, mas **procuro mesclar** na Literatura vários tipos de textos e alguns tipos de Artes, como música e Pintura. (L.B.R) (Grifos meus)  
 Sim, é trabalhado **durante o ano, dentro dos conteúdos**. Há um projeto da escola em novembro sobre a cultura africana. (M.B) (Grifos meus)

3. Um declara que não desenvolve nenhuma atividade sobre este tema durante o ano:

Não. Fatos históricos relativos aos africanos fazem parte dos conteúdos e são comentados em sala de aula. (J)

Segundo o referido Parecer, esta temática já se declarava importante antes mesmo do documento ser formulado:

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade (CNE, 2004, p. 6).

Contudo, para que os professores desenvolvam atividades sobre esta temática, com mais confiança, é imprescindível que se cumpra o que diz na Lei:

Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo, criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las (CNE, 2004, p. 10).

A finalidade deste trabalho é descobrir se os professores da EJA desta instituição estão trabalhando a cultura afro-brasileira e africana segundo os objetivos descritos no Parecer CP/CNE Nº 3/2004:

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

Conforme apontado nesta pesquisa, são poucos os professores que trabalham esta temática durante o ano e dentro dos conteúdos. A maioria trabalha somente em uma parte do trimestre ou na semana da consciência negra. Ainda, um dos educadores entende que este tema é irrelevante.

A escola não é a única, mas é uma das principais responsáveis no combate às desigualdades. É a partir dela que se ampliam as relações sociais e que também se iniciam e/ou se consolidam certas situações de discriminação. Por isso é tão importante a inclusão do tema relações étnico-raciais no currículo escolar. Considerando as respostas, esta escola parece não estar cumprindo seu papel no combate à desigualdade étnico-racial, pois apenas 40% (quatro) dos dez professores entrevistados abordam de forma ampla a cultura afro-brasileira e africana, sendo este um índice ainda pequeno para a minimização ou erradicação do racismo.

É no ambiente escolar que são construídas as identidades sociais, por isso, além das informações escolares, os professores precisam trabalhar os

conhecimentos sociais e culturais relativamente à herança africana. Segundo Gomes (2007, p. 237):

A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas. Existe, no interior do espaço escolar, uma determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nos discursos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/ a e aluno/a e dos alunos/as entre si. Estudos como o de Gonçalves (1985)<sup>7</sup> apontam para que, na maioria das vezes, a questão racial existe na escola por meio da sua ausência e do seu silenciamento.

O silêncio também é uma forma de discriminação. Quando um professor não considera importante trabalhar a cultura afro-brasileira e africana com seus educandos, ele está, de certa forma e mesmo que não intencionalmente, colaborando com a permanência da discriminação étnico-racial pela ausência de problematização a respeito do tema. Convém lembrar que, conforme os objetivos descritos no Parecer CP/CNE Nº 3/2004,

Art. 6º Os órgãos colegiados dos estabelecimentos de ensino, em suas finalidades, responsabilidades e tarefas, incluirão o exame e encaminhamento de solução para situações de discriminação, buscando-se criar situações educativas para o reconhecimento, valorização e respeito da diversidade.

Parágrafo único. Os casos que caracterizem racismo serão tratados como crimes imprescritíveis e inafiançáveis, conforme prevê o Art. 5º, XLII da Constituição Federal de 1988.

### 3.2.2 Modo de abordagem da cultura afro-brasileira

A próxima pergunta tinha como foco a forma como estas atividades eram desenvolvidas e quais materiais os professores utilizavam para abordar esta

---

<sup>7</sup> Nilma Lino Gomes (2007), em seu artigo, refere GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **O silêncio:** um ritual pedagógico a favor da discriminação racial. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.

temática: Perguntou-se: De que forma estes trabalhos são desenvolvidos?  
Com que materiais tu trabalhas?

A maioria (cinco) dos professores utiliza somente textos para que os alunos façam a sua leitura e interpretação:

Faço debates e conversas com os alunos sobre a importância do negro na nossa cultura e suas principais características dentro da nossa sociedade atual. Trabalho redações, para que os alunos possam se expressar, dando suas opiniões sobre os assuntos debatidos em sala de aula. (D.M)  
Através de textos para leitura e interpretação. (L.O)  
São desenvolvidos através de textos, interpretações, produções textuais, entre outros métodos, como confecção de jogos. (D.R.A.M)  
Eles comparam os poemas, para ver o tipo de linguagem e os assuntos. (L.N.C)  
Basicamente textos e pesquisa. (L.B.R)

Enquanto quatro professores buscam diversos materiais como revistas, internet, livros didáticos etc:

Com imagens De Bret, discussões e, no caso das imagens, reparar as imagens de como era o cotidiano dos negros na época do Brasil Colonial com desdobramento de discussão da **abolição da escravatura**. Na idade moderna se estuda a África e as relações (**escravidão e herança cultural**). (L.S.S.)  
Leitura de textos, internet e livros (autores da língua portuguesa). (G.A.P)  
São desenvolvidos em forma de projetos com recursos como: textos, imagens, contos infantis, filmes e outros. (M.B)  
Busco materiais em revistas, internet, livros didáticos, entre outros. (G.M.R)

Somente um dos professores (J) não citou nenhum recurso em sua resposta.

Segundo o Parecer:

§ 1º Os sistemas de ensino e as entidades mantenedoras incentivarão e criarão condições materiais e financeiras, assim como proverão as escolas, professores e alunos, de material bibliográfico e de outros materiais didáticos necessários para a educação tratada no caput deste artigo.

Durante um horário de intervalo, eu conversei informalmente com duas professoras<sup>8</sup>. Elas relataram que não foram comunicadas sobre a existência de material que abordasse a cultura afro-brasileira e africana na Biblioteca da escola. Somente uma das professoras, que estuda sobre esta temática, em Curso de Especialização, disse que na biblioteca existem “livros bons para trabalhar estes assuntos”.

Na biblioteca, de fato, encontrei vários livros sobre a cultura afro-brasileira e africana:

- **África e Brasil Africano** de Marina Melo de Souza (2008);
- **Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial** produzido pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial;
- **Estatuto da Igualdade Racial** de Paulo Paim (2003);
- **Quilombo Silva** de Paulo Paim (2005);
- **O Negro no Rio Grande do Sul** produzido pela Fundação Cultural Palmares (2005);
- **Abdias do nascimento sitiado em Lagos: autodefesa de um negro açoitado pelo racismo** (1981);
- **Concurso Personalidades Negras do Rio Grande do Sul** produzido por Maria Mulher Organização de Mulheres Negras (2006);
- **A vitória contra o preconceito** de Paulo Paim (2005);
- **Reformas: raça, gênero e políticas de inclusão Social** de Paulo Paim, (2003);
- **Terras de Negro, herança de quilombos** de Lourdes Carril (1997);
- **A vida de Zumbi dos Palmares** produzida pela Fundação Cultural Palmares (1995);
- **Consciência e luta: pronunciamentos e Projetos de Lei sobre relações raciais** de Paulo Paim (1998);
- **“Discussão e busca de caminhos para eliminação do racismo e do preconceito”**, Submissão de igualdade racial e inclusão, Audiência Pública, Brasília (2005);

---

<sup>8</sup> Uma das professoras com as quais conversei (D.M.) havia respondido às questões de pesquisa propostas por mim. A outra não participou da pesquisa por ser professora de Geografia – uma área em que, segundo o Parecer, não existe obrigatoriedade de trabalho com cultura afro-brasileira e africana. Apesar disso, ela quis participar da conversa informal.

- **Meios de comunicação e diversidade racial** (1998);
- **Negro e Cultura no Brasil** de Helena Theodoro Lopes, José Jorge Siqueira e Maria Beatriz Nascimento (1987);
- **O trabalho escravo o Rio Grande do Sul** de Günter Weimer (1991);
- **História e Cultura Afro-Brasileiras** de André Marcos de Paula e Silva (2008);
- **O Negro no Brasil: histórias e desafios** de Marcos Rodrigues da Silva (1987);
- **Negros e Índios: Literatura e História** de Moacyr Flores (1994);
- **Cidadania em preto e branco: discutindo as relações raciais** de Maria Aparecida Silva Bento (2000);
- **Educação Africanidades** produzido pelo Ministério da Educação.

Nos livros encontrados na Biblioteca da escola, o negro é considerado a partir de diferentes perspectivas. Há materiais que:

- envolvem a defesa de comunidades quilombolas em Porto Alegre e defendem a cultura afro-brasileira;
- apresentam os direitos da comunidade negra;
- discutem sobre as contribuições do negro para nossa cultura;
- relatam a história dos negros no Rio Grande do Sul e, mais amplamente, no Brasil;
- discutem relações raciais;
- abordam o lugar do negro nos meios de comunicação.

O modo como o negro é apresentado nestes livros provoca a pensar sobre como a “pedagogia da racialização” (Kaercher, 2011) está funcionando por meio do material didático disponível nesta escola para trabalho com educandos jovens e adultos.

Parece-me interessante pensar, então, que a pedagogia da racialização funciona através de estratégias discursivas diversificadas – tais como narrativas presentes na mídia, modos de publicizar campanhas promocionais, livros de literatura infantil, discursos de militantes do movimento negro etc. – e de um modo eficaz para construir uma determinada pertença racial fortemente ligada às noções essencialistas de raça. Penso que a pedagogia da racialização parece educar para a percepção da raça como um



atributo do sujeito, observável (visto que pautada pelo fenótipo e por traços tais como a cor da pele, a espessura dos lábios, a largura do nariz etc.) e, portanto, sobre o qual se podem traçar desde critérios para a implementação de políticas afirmativas (como a adoção da política de cotas raciais nas universidades públicas) até conjecturas sobre possíveis homogeneizações (do tipo “negros tem facilidade para aprender percussão”, “negros tem tendência a hipertensão” etc.).

A pedagogia da racialização, segundo Kaercher (2011), educa o olhar dos sujeitos quanto à pertença racial, definindo qual delas tem mais poder sobre a outra. Ou seja, durante muitos anos, os livros didáticos ensinaram a enxergar os negros como inferiores, ressaltando o período da escravidão e ocultando contribuições importantes do negro para a nossa história. Porém, os educadores podem reverter esta imagem de inferioridade, que se tem dos negros, se utilizarem os materiais certos para trabalhar com seus educandos, como, por exemplo, os livros que encontrei na biblioteca.

Em vários destes livros, o objetivo é informar sobre a situação vivida pelo negro no Brasil hoje, destacando que ele é um sujeito de direitos com uma cultura legítima. Um exemplo disso são os materiais produzidos por Paulo Paim nos quais encontramos dados relativamente atuais que ajudam a contextualizar o negro e compreender sua condição de vida em nosso país, problematizando-a. Estes livros fornecem informações como as que se seguem:

- os negros representam 46% do total da população brasileira, ou 77,9 milhões de pessoas;
- na idade entre 10 e 16 anos – idade crítica de preparação para a vida laboral – a participação dos negros no mercado de trabalho é muito superior à participação dos brancos;
- por sua vez, ao longo da vida, a taxa de desemprego dos negros é maior que a dos brancos;
- além disso, os negros ocupam postos de trabalho de pior qualidade, em geral na informalidade;
- em consequência de uma inserção inadequada e da ocupação de postos de trabalho de pior qualidade, os negros ocupados concentram-se nas faixas de pior remuneração;

- os negros também recebem (em média) menos, quando se consideram os grandes grupos ocupacionais.

Segundo o Parecer, é garantido para as escolas, professores e alunos o material didático e bibliográfico para que este assunto seja trabalhado, proporcionando assim a troca de experiências entre os professores e o questionamento da condição pauperizada do negro no Brasil. No entanto, de acordo com a supervisora da instituição, ela nunca recebeu nenhum material sobre a cultura afro-brasileira e africana. Ela disse que “Se ela tivesse recebido, com certeza teria divulgado para todos os professores”<sup>9</sup>. E isto, no mínimo, preocupa.

### 3.2.3 Objetivos da abordagem da cultura afro-brasileira

A pergunta seguinte pretendia descobrir com que objetivo os professores realizam a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em suas aulas. Perguntou-se: Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas?

Somente três dos professores entrevistados trabalham com o objetivo de valorizar a cultura afro-brasileira e africana ou mostrar a influência da cultura afro-brasileira em nossa cultura. Assim eles se manifestaram a este respeito:

Desenvolvo os trabalhos sempre buscando **valorizar a cultura afro-brasileira e africana**. (G.M.R) (grifos meus)  
 Com o objetivo de **mostrar a influência da cultura afro-brasileira na nossa cultura**. (L.N.C) (grifos meus)  
 O objetivo é relatar de que maneira os africanos fizeram parte da **formação do povo brasileiro e de sua exploração**. (J) (grifos meus)

Este professor (J) respondeu, na primeira pergunta, que não desenvolvia trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em suas aulas. E que os fatos históricos relativos aos africanos fazem parte dos conteúdos e são comentados em sala de aula. Contudo, é importante comentar que, apesar de ele não desenvolver atividades sistemáticas sobre a cultura afro-brasileira e africana, ele possui objetivos importantes quando realiza discussões sobre esta

<sup>9</sup> Depoimento coletado em conversa informal com a supervisora.

temática. Diferente de outros três professores que desenvolvem atividades sobre essa temática, porém, não descreveram seus objetivos.

Estes educadores se preocupam, portanto, com o reconhecimento e a valorização da identidade, da cultura e da história dos negros, se aproximando daquilo que o Parecer enfatiza, ou seja, a necessidade de investimento em políticas de reparação, reconhecimento e valorização dos negros a serem desenvolvidas também nas instituições de ensino. Segundo o referido documento:

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão. [...] Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. [...] Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; [...] Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, [...] Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. (p. 6-7).

Infelizmente, nem todos os professores compartilham dessas idéias. Alguns possuem concepções diferentes das citadas no Parecer N<sup>o</sup> 3/2004 e as descrevem da seguinte forma:

<p>Trabalho redações, para que <b>os alunos possam se expressar, dando suas opiniões</b> sobre os assuntos debatidos em sala de aula. (D.M) (grifos meus)</p> <p>O objetivo é que o aluno possa <b>conhecer uma maioria de realidades</b> e acredito que a pesquisa orientada. (L.B.R) (grifos meus)</p> <p>Com o objetivo de <b>tratar de vários assuntos a partir de diversas opiniões</b>. (D.R.A.M) (grifos meus)</p> <p>É uma lei, <b>por conta do acordo ortográfico</b> e para <b>expandir a literatura brasileira</b>. (G.A.P) (grifos meus)</p>
--

### 3.2.4 Impacto do trabalho sobre a cultura afro-brasileira

Na próxima pergunta, o principal objetivo era descobrir se o trabalho que foi desenvolvido sobre a cultura afro-brasileira e africana causou algum impacto sobre as atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes, ou sobre sua vida. E, no caso de ter provocado algum efeito, se pretendia descobrir que impactos foram estes e de que forma o professor percebeu isto. Perguntou-se: Este trabalho produziu algum impacto sobre as atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto?

A maioria dos professores (quatro) relatou que o trabalho que eles desenvolveram causou impacto.

Sim. **Traz mais conhecimentos** para eles. Através de questionários. (L.O) (grifos meus)  
 Sim, ficaram surpresos ao escutar musica e descobriram que **os ritmos atuais têm a ver com os ritmos africanos**. Para eles foi boa esta descoberta. Pelos comentários deles. (L.N.C) (grifos meus)  
 Sim, o fator principal foi a **luta pela emancipação**. Os comentários dos alunos sobre o sofrimento (G.A.P) (grifos meus)  
 Sim, acredito que com esse trabalho **os alunos passam a respeitar um ao outro independente da raça**. Percebo nas atitudes, pois **eles começam a pensar diferente**. (D.M) (grifos meus)

Outros três acreditam que tenha causado impacto, porém, não relataram como perceberam isto.

Acredito que, a partir destes trabalhos, os alunos **passam a valorizar e respeitar mais os afrodescendentes e sua cultura**. (G.M.R) (grifos meus)  
 Acredito que **alguns tabus foram derrubados**, algumas falsas ideias e também possibilitou um novo conhecimento. (L.B.R) (grifos meus)  
 Teve impacto, **menos preconceitos** perante os seus próprios colegas. (D.R.A.M) (grifos meus)

Considerando as respostas produzidas pelos educadores, pode-se supor que o seu trabalho, ainda que menos sistemático do que o necessário, causa pequenas mudanças no modo de perceber a cultura afro-brasileira e africana. Neste sentido, suas palavras lembram o que propõe o Conselho Nacional de Educação nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

A educação das relações étnico-raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

Outros dois professores não perceberam nenhum impacto e somente um não respondeu (J):

É um trabalho a ser construído, os efeitos e transformações são percebidos aos poucos ao longo dos anos. (M.B)  
Impacto não existe. Um choque ao descobrir os acontecimentos sobre a escravatura. Sem grandes reflexões. (L.S.S)

### 3.2.5 Conhecimento dos professores sobre as bases legais

Na última pergunta, a principal finalidade era saber se os professores já tinham ouvido falar sobre a Lei nº. 10639/2003, sobre as diretrizes e o que conheciam sobre estes documentos legais. Perguntou-se: Tu já ouviste falar sobre a Lei nº 10639/2003? E sobre as diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais?

Um número significativo de professores (oito) conhece os documentos legais.

**Discuti na formação** (cadeira específica sobre a cultura afro-brasileira). Até 2011 foi obrigatório. As diretrizes são fazer eles pensarem sobre este assunto. Os alunos são indiferentes quando esta temática é trabalhada. (L.S.S) (grifos meus)  
Sim, **os documentos são divulgados em cursos** e os professores em geral têm noção, mas muitas vezes os documentos ficam esquecidos. Na disciplina de história os conhecimentos relacionados à cultura africana já estão inseridos nos livros didáticos, e alguns são muito bons. (M.B) (grifos meus)  
Sim, **eu li para o concurso** que é lei obrigatória. As diretrizes dizem que é obrigatório estas matérias (Literatura, História e Ed. Artística) trabalharem com a cultura afro. (L.O) (grifos meus)  
Sim, são documentos que determinam que a cultura afro-brasileira e africana devem ser abordadas na escola, principalmente, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Literatura e História. (G.M.R)  
Sim, é a lei que obriga o ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas. (L.B.R)  
Sim, é da obrigatoriedade. Sim, não sou muito a par, **o próprio colégio nos posiciona sobre esses assuntos**. Ele adotou os critérios dos autores de língua portuguesa. (G.A.P) (grifos meus)  
Sim, segundo a nova LDB nós temos que fazer trabalhos integrados. Mostrar a cultura africana, porque tem mais a ver com eles. (L.N.C)

Obrigatoriedade de estudo sobre a cultura afro-brasileira nas escolas.  
(J)  
Sim, não compete só à história trabalhar estes assuntos, a sociologia também poderia trabalhar. (L.S.S)

Somente dois professores só ouviram falar sobre os documentos legais:

Já ouvi falar, sei que fala sobre a cultura afro, mas, não sei exatamente o que está escrito lá. (D.R.A.M)  
Já ouvi falar, mas não sei muito sobre ela. Somente que ampara as relações étnico-raciais. (D.M)

### 3.3 Significados das respostas dos alunos

Para conhecer a opinião dos educandos e compará-las com as dos professores, foi preciso entrevistar alguns alunos e analisar suas respostas sobre este assunto. Foram entrevistados 51 educandos jovens e adultos que estudam no turno da noite. A primeira pergunta foi a seguinte:

Já foram trabalhadas, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Analisando quantitativamente as respostas, foi possível identificar que a maioria dos professores, segundo os alunos, trabalha a cultura afro-brasileira em sala de aula: 34 alunos responderam que foi trabalhado este tema e 17 escreveram que os professores não abordam esta temática.

A próxima pergunta se referia à frequência com que os professores abordavam este tema. Foram consideradas 30 respostas. A resposta de 20 dos alunos entrevistados foi de que é trabalhado muito pouco esta temática durante o ano (de 1 a 4 vezes por ano). Outros 4 alunos disseram que só é trabalhado em datas específicas como, por exemplo, na semana da consciência negra. No entanto, 2 disseram que só é trabalhado na aula de educação artística e somente 5 responderam que é trabalhado com grande frequência. Segundo Rocha (2006, p. 75):

Ao omitir conteúdos em relação à história do país, relacionados à população negra, ao omitir contribuições do continente africano para o desenvolvimento da humanidade e ao reforçar determinados

estereótipos, a escola contribui fortemente para a constituição de uma ideologia de dominação étnico-racial.

A escola, no que refere o Parecer CP/CNE nº 3, é o melhor lugar para que aconteça a superação do racismo, porém, todos os educadores devem estar envolvidos.

A última pergunta do questionário pretendia descobrir se as atividades sobre a cultura afro-brasileira e africana causaram algum impacto nas atitudes destes alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a vida dos entrevistados. A pergunta foi a seguinte:

Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não   
Se **sim**, quais os impactos? Se **não** por quê?

Analisando as respostas, percebeu-se que seis alunos responderam que sim e o restante (24) marcou que não causou nenhum impacto, sem relatarem o porquê.

Já tinha o pensamento bem definido sobre essa situação, e esse trabalho ajudou-me a **conhecer um pouco mais sobre a cultura afrodescendente**, e conseqüentemente, admirá-la. (M.V.) (grifos meus)  
Dar mais **valor à cultura afro-brasileira**, valorizar. (I.E.) (grifos meus)  
**Aprendi coisas que não tinha menor ideia**, e tive a certeza de que as pessoas ainda são extremamente preconceituosas. (D.G.) (grifos meus)  
Sim aprendi que **devemos respeitar a todos** seres humanos seja ele de qual raça for. (R.R.) (grifos meus)  
Na verdade é um impacto com muita hostilidade pois **falam que os afros não sofrem preconceito mas continua a mesma coisa**. (P.L.) (grifos meus)  
Só nos mostrou **de que forma os negros eram tratados** e nos fez ver também sobre **preconceito**. (F.A.) (grifos meus)

Apesar de terem dito que não causou nenhum impacto, dois alunos dos vinte e quatro mencionam algumas pequenas mudanças nas atitudes.

Pelo que me lembro e pelo que se ouve em algumas reportagens, me faz pensar na palavra **preconceito que infelizmente existe até hoje**. (A.L.S.) (grifos meus)  
Não, porque todo mundo é igual, **o texto fez a gente refletir bastante**. (P.L.M.) (grifos meus)

A análise das respostas reforça ainda mais a idéia do quanto é importante trabalhar estes assuntos referentes à cultura afro-brasileira e africana em sala de aula, pois, segundo Gomes (2007, p. 233),

Muitas vezes, [...] quando se deparam com espaços sociais em que a questão racial é tratada de maneira positiva é que esses sujeitos conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento negro, há muito tempo, luta pela valorização das origens étnicas do povo negro brasileiro. Hoje, com a Lei 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão do ensino sobre a História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio das escolas brasileiras públicas e particulares, esse reconhecimento torna-se possível.

A finalidade deste trabalho era descobrir se os professores da EJA, da instituição pesquisada, trabalham a cultura afro-brasileira e africana, segundo os objetivos descritos no Parecer CP/CNE Nº 3/2004, e se estas atividades causam alguma mudança de pensamento ou atitude nos educandos. Para atingir este objetivo, realizei uma pesquisa quanti-qualitativa com os educadores e educandos da EJA de uma escola pública estadual.

Após analisar as respostas dos 10 professores entrevistados, percebi que são poucos os educadores que trabalham esta temática durante o ano e dentro dos conteúdos de maneira sistemática. A maioria trabalha somente em uma parte do trimestre ou na semana da consciência negra, portanto, estes professores não estão seguindo o que diz nas diretrizes da Lei 10.639/03. Conforme salienta Rocha (2006), o Parecer destaca a importância da valorização da história e da cultura dos afro-brasileiros e dos africanos e o compromisso com a educação de relações étnico-raciais. É no ambiente escolar que se constroem as identidades sociais, por isso, além das informações escolares, Gomes (2007) afirma que também devem ser desenvolvidos conhecimentos culturais e sociais.

A escola não é a única, mas é uma das principais responsáveis no combate às desigualdades, pois as primeiras relações sociais acontecem no interior dela e, do mesmo modo, acontecem situações de discriminação. Por isso, este tema deve ser desenvolvido durante todo o currículo escolar e não somente esporadicamente. Mesmo que alguns professores abordem este tema de forma ampla, este número ainda parece ser muito pequeno para que ocorra a diminuição do racismo de modo mais expressivo.

Na instituição onde se desenvolveu a investigação, existem materiais bem interessantes para serem trabalhados com as turmas da EJA, porém, em uma conversa informal que eu tive com duas professoras, percebi que poucos professores sabem da existência deles.

Com relação aos objetivos dos professores na elaboração de suas atividades sobre a Cultura Afro-brasileira e Africana, descobri que, infelizmente, são poucos os que seguem os objetivos descritos no Parecer. No entanto, em uma das perguntas da entrevista que indagava se eles conheciam a Lei 10.639/03, um número bem significativo de professores respondeu que sim ou que, no mínimo, já ouviu falar a respeito dos documentos legais.

Por tudo o que foi descoberto, percebi um jeito de a pedagogia da racialização funcionar nesta escola, pois, segundo o que diz Kaercher (2011), somos educados a priorizar somente uma cultura que, neste caso, não é a negra. Um exemplo disso é a acomodação com relação aos assuntos referentes à cultura afro-brasileira e africana evidenciada em alguns professores nesta pesquisa.

É importante refletir sobre os efeitos paradoxais surgidos a partir do reconhecimento da diversidade, conforme afirma Valente (1999, 2007). O estudo em questão aponta que, paralelamente aos avanços produzidos pelas políticas afirmativas, surgem manifestações que visam acirrar a desigualdade racial.

Apesar dos elementos mencionados, convém destacar que a análise das respostas produzidas, tanto pelos educadores quanto pelos educandos, demonstram que, mesmo pouco trabalhada, esta temática causou pequenas mudanças no modo de perceber a cultura afro-brasileira e africana. Com a conclusão deste trabalho posso dizer que estou mais preparada para abordar os assuntos referentes à cultura afro-brasileira e africana de maneira que meus educandos passem a reconhecer e valorizar a sua importância.

## REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (a). **Parecer n. 03 de 10 de março de 2004**. Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Ministério da Educação. Brasília, julho de 2004.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. (b). **Resolução n. 01 de 17 de junho de 2004**. Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Ministério da Educação. Brasília, julho de 2004.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias Escolares, corpo e cabelo crespo: Reprodução de Estereótipos ou ressignificação cultural? **Educação como exercício para a diversidade**, UNESCO, MEC, ANPEd, Brasília, maio de 2007. p. 229-250. (Coleção Educação para Todos)

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento Negro e Educação. **Educação como exercício para a diversidade**, UNESCO, MEC, ANPEd, Brasília, maio de 2007. p. 181-228. (Coleção Educação para Todos)

\_\_\_\_\_. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Pedagogias da Racialização ou dos modos como se aprende a “ter” raça e/ ou cor. In: TONINI, Ivaine Maria e KAERCHER, Nestor André (orgs.). **Curso de Aperfeiçoamento Produção de Material Didático para Diversidade**. Porto Alegre: Evangraf/UFRGS, 2011. p. 100-105.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ROCHA, Luiz Carlos Paixão da. **Políticas Afirmativas e Educação: A Lei 10639/03 no contexto das políticas educacionais no Brasil Contemporâneo**. Dissertação, Curitiba, 2006.

VALENTE, Ana Lucia. **Educação e diversidade cultural**. São Paulo: Moderna, 1999.

\_\_\_\_\_. Os Negros, a Educação e as Políticas de Ação Afirmativa. **Educação como exercício para a diversidade**, UNESCO, MEC, ANPEd, Brasília, maio de 2007. p. 251-269. (Coleção Educação para Todos)

## APÊNDICES

## APÉNDICE I

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCADORES

Nome (iniciais):

Disciplina:

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência?

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas?

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto?

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei No 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais?

## APÊNDICE II

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Raça: \_\_\_\_\_

Sexo: Masculino  Feminino

**1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana?**  Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

**2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida?** Sim  Não

Se **sim**, quais impactos? Se **não**, por quê?

---

---

---

---

---

---



## **ANEXOS**

**ANEXO I**

**RESPOSTAS DOS EDUCADORES**



\* Nome (Iniciais): L. B. R.

Disciplina: LITERATURA

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência? NÃO COM TANTA FREQUENCIA DE QUE GOSTARIA, MAS PROCURO MES CLAR NA LITERATURA VÁRIOS TIPOS DE TEXTOS E ALGUNS TIPOS DE ARTE, COMO MÚSICA E PINTURA.

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? BASICAMENTE TEXTOS E PESQUISA, ~~DE~~ O OBJETIVO É QUE O ALUNO POSSA CONHECER UMA MAIORIA DE REALIDADES E ACREDITO QUE A PESQUISA ORIENTADA

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto? ACREDITO QUE ALGUNS TABUS FORAM DERRUBADOS, ALGUMAS FALSAS IDEIAS E TAMBÉM POSSIBILITOU UM NOVO CONHECIMENTO.

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei Nº 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais? SIM, É A LEI QUE OBRIGA O ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NAS ESCOLAS.

\* Nome (iniciais): M B.

Disciplina: História

Inclusão no currículo

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência? Sim, é trabalhado durante o ano dentro dos conteúdos.

há um projeto da escola em novembro sobre a cultura africanidades <sup>na escola e desigualdades</sup>

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? São desenvolvidos em forma de projetos com recursos como: textos, imagens, contos infantis, filmes e outros.

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto? É um trabalho a ser construído, os efeitos e transformações são percebidos aos poucos ao longo dos anos.

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei N° 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais? Sim, os documentos são divulgados em cursos e os professores em geral tem noção, mas muitas vezes os documentos ficam esquecidos.

Obs.: Na disciplina de História os conhecimentos relacionados a cultura africanas, já estão inseridos nos livros didáticos, e alguns são muito bons.

Nome (iniciais): GMR  
Disciplina: Língua Portuguesa

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência?

Desenvolvimento de trabalhos sobre a cultura afro-brasileira

Sim, regularmente.

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas?

Modo de abordagem da cultura afro-brasileira

Desenvolvo os trabalhos sempre buscando valorizar a cultura afro-brasileira e africana. Busco materiais em revistas, internet, livros didáticos, entre outros.

Objetivos de abordagem da cultura afro-brasileira

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto?

Impacto do trabalho sobre cultura afro-brasileira

Sim. Acredito que a partir destes trabalhos os alunos passam a valorizar e respeitar mais os afrodescendentes e sua cultura.

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei Nº 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais?

Conhecimento das professoras sobre as bases legais

Sim. São documentos que determinam que a cultura afro-brasileira e africana deve ser abordada na escola, principalmente, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Literatura e História.

Nome (iniciais): João

Disciplina: História

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência?

Não. Fatos históricos relativos aos africanos fazem parte dos conteúdos e são comentados em sala de aula.

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas?

O objetivo é de relatar de que maneira os africanos fizeram parte de formação do povo brasileiro e de sua exploração.

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto?

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei N° 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais?

Obrigatoriedade de estudo sobre a cultura afro-brasileira nas escolas.

Nome (iniciais): D. B. A. M.

Disciplina: Literatura.

1) Tu desenvolvês trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência?

Sim, em média uma vez por trimestre.

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas?

São desenvolvidas através de textos, interpretações, produções textuais, entre outros métodos, como confecção de jogos.  
Com o objetivo de tratar de vários assuntos de diversas opiniões.

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto?

Teve impacto, menos preconceitos perante os seus próprios colegas.

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei Nº 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais?

Já ouvi falar, sei que fala sobre a cultura afro, mas não sei exatamente o que está escrito lá.



Nome (iniciais): L.N.C

Disciplina: Literatura

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência? Sim, sempre todo.

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Eles compararam os poemas, para ver o tipo de linguagem e os assuntos. Com objetivos de mostrar a influência da cultura - Afro na nossa cultura.

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto? Sim, ficaram surpresos ao escutarem a música e descobriram que os ritmos atuais tem ligação com os ritmos africanos. Para eles foi boa esta descoberta (Pelas comentários deles).

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei N° 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais? Sim, Sim, segundo a nossa LDB eles tem que fazer trabalhos integrados. Mostrar a cultura Africana. Por que tem mais ligação com eles.

Nome (iniciais): L.S.S

Disciplina: História

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência? Trabalhos não, mas, o assunto sempre vem a tona quando se estuda a Idade Moderna, contemporânea e Brasil (não é trabalhado a abolição). E trabalhado na semana da Lembrança Negra.

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com imagens de Daltot.

Discutíveis e no caso das imagens separar as imagens de como era o cotidiano dos negros na época Brasil colonial. Com desdobramento de discussão da abolição da escravidão. Na Idade Moderna se estuda a África e as relações escravistas e herança cultural.

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto? Impacto não existe. Um cheque ao descrever os acontecimentos sobre a escravidão. Sem grandes reflexões.

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei Nº 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais? Discute na formação/Cadeira específica sobre a lei nº 10639/2003. Até 2011 foi obrigatório. As diretrizes e foram elas pensarem sobre este assunto. Eles. Os alunos ficam indiferentes quando estes assuntos não trabalhados. Não compete só a história trabalhar estes assuntos, a sociologia também poderia trabalhar.

Nome (iniciais): L.O

Disciplina: Literatura

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência? Trabalho em aulas. Na semana da consciência negra.

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Através de Textos. Para leitura e interpretação.

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto? Todos mais conheci mentes para eles. Através de questionários.

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei N° 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais? Sim, eu li para o concurso que a lei é obrigatória. As diretrizes dizem que é obrigatório estas matérias (Literatura, História e Ed. Artística) trabalharem com a cultura-Afro.

Nome (iniciais): G.A.P

Disciplina: Literatura

1) Tu desenvolves trabalhos sobre a cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas? Com que frequência?

Sim, uma parte de um trimestre.

2) De que forma estes trabalhos são desenvolvidos? Com que materiais tu trabalhas? Com que objetivos realizas a abordagem da cultura afro-brasileira e africana em tuas aulas?

Leitura de textos, internet, livros (autores da língua portuguesa), e uma lei, por conta do acordo ortográfico. Expondo a literatura brasileira.

3) Este trabalho produziu algum impacto sobre atitudes dos alunos em relação aos afrodescendentes ou sobre a sua vida? Que impactos? De que forma percebeste isto?

O fator principal foi a luta para emancipação, muito importante. Comentações dos alunos sobre o documento.

4) Tu já ouviste falar sobre a Lei Nº 10639/2003? E sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações étnico-raciais? O que sabes sobre estes documentos legais?

Sim, é da obrigatoriedade, sim, não sei muito a par, o próprio relatório nos posiciona sobre estes assuntos. Ele detalha os critérios dos cursos de língua portuguesa.

## Respostas Professora Delora Pitta (DM)

- ① Sim. Normalmente no período da semana consciência negra.
- ② Faço debates e conversas com os alunos sobre a importância do negro na nossa cultura e suas principais características dentro da nossa sociedade atual. Trabalho redações, para que os alunos possam se expressar, dando suas opiniões sobre os assuntos debatidos em sala de aula.
- ③ acredito que com esse trabalho os alunos passam a respeitar um ao outro independente da raça. Parece nas atitudes, pois eles começam a pensar diferente.
- ④ Já ouvi falar, mas não sei muito sobre ele. Somente que ampara as relações étnico-raciais.

**ANEXO II**

**RESPOSTAS DOS EDUCANDOS**

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): A.L.S

Idade: 19 Anos

Raça: \_\_\_\_\_

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Não lembrava muito bem, porque foi o ano  
passado e já visto por cima, mas deu pra ter  
uma noção.

Com que frequência?

muito pouca frequência

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Pelo pouco que lembrava e pelo que se ouve  
em algumas reportagens me faz pensar  
em alguma preconceito que infelizmente existe  
até hoje.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): F. A

Idade: 19 anos

Raça: Pardo.

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

com conversas dos alunos com os professores dialogando bastante.

Com que frequência?

Poucas vezes, mais as vezes que foi dialogado foi bastante produtivo.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Só me mostrou de que forma os negros foram tratados e me fez ver também sobre o preconceito.



## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): P. L.

Idade: 19 anos

Raça: ~~Branca~~ Negra

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Referindo-se à presença inclusiva  
de que representam e os fatores que marcaram  
essa época

Com que frequência?

Na 8ª série na 1ª hora foi sem frequência  
talvez que na escola houve que é um resumo da  
escala sobre os mais certos pontos mais

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Na escola é um impacto com muita habilidade  
para falar que os afro vão <sup>ser</sup> ~~serem~~ reconhecido  
em relação a essa coisa

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): D.G.  
Idade: 17  
Raça: NEGRO

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

as ferramentas participativas que contavam as origens desse povo EXIMIO.

Com que frequência?

Anos atrás. Em uma série específica.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Aprendi coisas que não tinha nem a ideia, e (ap) tive a certeza de que as pessoas ainda são extremamente preconceituosas.

Identificação do preconceito  
Reconhecimento da cultura

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): I. F. E. Isabel de Espanha

Idade: 20

Raça: NEGRO

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Debatido

Com que frequência?

Uma a três, quatro vezes

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Dar mais valor à cultura Afro Brasileira.  
valorizar.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Mariano Vitoriano

Idade: 17 anos

Raça: branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Na semana da consciência negra fomos convidados a realizar um trabalho para a matéria de Ed. Física, onde tivemos que elaborar uma apresentação de dança baseada na cultura afro-descendente.

Com que frequência?

Pouca

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Já tinha o pensamento bem definido sobre essa situação, e esse trabalho ajudou-me a conhecer um pouco mais sobre a cultura afro-descendente, e consequentemente, admirá-la.

Reconhecimento e valorização da cultura

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): E H

Idade: 50

Raça: Branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

foram trabalhadas por os professores em aulas

Com que frequência?

poucas vezes

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Eu procuro sempre tratar de do com respeito de sempre  
à cultura.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): M.F.C

Idade: 22 anos

Raça: Pardo

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Trabalhamos sobre a cultura africana, mas apenas a parte teórica que faz uma pequena introdução, mas não aprofundamos a esse nível, não foi trabalhado nas aulas de artes.

Com que frequência?

Apenas neste aula.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

porque não mudou em nada na minha forma de agir e pensar.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): A.F

Idade: 62 anos

Raça: Bianca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Só començou conosco.

Com que frequência?

uma vez

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): M.R.S

Idade: 17

Raça: Branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Foi visto com livros e slides mostrados sobre suas culturas.

Com que frequência?

Foi trabalhado com 1 mês.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Por que eu sei me relacionar com pessoas não importa cor, pra mim.



## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): P. L. H

Idade: 19 anos

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Com leitura de textos, e debates.

Com que frequência?

Uma vez ao

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não porque todo mundo é igual, o Flegto foi agente refletir bastante.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): E.R.G.

Idade: 17 anos

Raça: Pardo

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Cultura, países e músicas, trajes.

Com que frequência?

de vez em quando

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

para mim é uma coisa comum

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): ABM

Idade: 18

Raça: branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Uma professora abordou e explicou um pouco sobre o assunto.

Com que frequência?

Raramente.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não mudou em nada, sempre respeitei não vejo diferença num ser humano ao pélo pele que tem.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): B N

Idade: 20

Raça: Negro

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Cartazes,

Com que frequência?

uma vez

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Foi estudado muito pouco.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Rosimara Rodrigues:

Idade: 46

Raça: Pardo

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Foi feita um concurso na escola da  
menina alegre mais Bahita:  
com prof: marta

Com que frequência?

Durou mais ou menos 30 dias

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Sim aprendi que devemos respeitar os  
Todos sem nenhumo seja de qual Raça for  
Respeito

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): V. R

Idade: 61

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Foram sabidos pelos professores em  
algumas datas ou fatos históricos

Com que frequência?

Não muito

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Já convivemos com fatos e pessoas,  
por isso não causam impacto.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): M. FARIAS

Idade: 19

Raça: NEGRA

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Cantava

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

Vem período

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

por que não foi trabalhado corretamente, não sofreu impacto.

---

---

---

---

---

---

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): M.H.P

Idade: 17

Raça: Parda

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Simplesmente comentou a questão com os alunos não passou nenhum tipo de trabalho relacionado a questão discutida.

Com que frequência?

Somente em uma aula.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Kat. M.

Idade: 17

Raça: Parda

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

com trabalhos! Livros, textos entre outros

Com que frequência?

Raramente

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Porque tanto fez falar sobre esse assunto pois trata todos iguais brancos ~~para~~ negros, é bom saber um pouco sobre esse assunto.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): B M M

Idade: 20

Raça: Burroca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Com o prof de Geografia ele fala com explicações com textos e fotos para comparação entre povos existentes no nosso Brasil.

Com que frequência?

no começo de cada trimestre ele volta lembra e faz trabalhos utilizando esses assuntos.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Porque cresci entre essas coisas e não teria percebido e nenhum impacto com isso e acho desses assuntos por que posso aprender com a cultura deles. não.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Amanda Helle da Rosa

Idade: 13

Raça: Parda

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Trabalhos feitos em aula, diálogos  
conversas referentes ao assunto e  
exposições a respeito da cultura afro.

Com que frequência?

2x em datas de consciência, <sup>negra</sup> dia do índio  
e semelhantes.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Seu dia, dia da consciência

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): T. B. F.

Idade: 20

Raça: BRANCA

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Através de textos apenas

Com que frequência?

Se em datas específicas

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Independente disso, eu sempre vi todos iguais. E não ~~estava~~ apenas estudando essa cultura que vai mudar o ~~comportamento~~ consciência das pessoas

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): B K S L

Idade: 17

Raça: Parda

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Em formas de trabalhos para entregar, pesquisas feitas em livros na sala de aula.

Com que frequência?

É muito usado no dia da consciência negra a partir do dia e coisas assim.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Porque o que foi dado, tudo eu sei e não tenho nada contra eles. A única coisa que não gosto é que eles tem coisas para fuguldade, porque isso se eles são iguais a mim só porque sou branco (Parda) posso perder por causa de cotam, não sei se não tem nada a ver com o assunto e só uma opinião minha.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais):

P.T

Idade:

19

Raça:

Branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Tentando sinalizar a importância da igualdade.

Com que frequência?

Na verdade, é sempre em datas como: dia do índio, abolição de escravidão...

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não, pois o que eu pensava antes das aulas continua sendo igual sobre os direitos. continuo tratando-os com o mesmo respeito de sempre, afinal, o que a cor tem a ver com o caráter?

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): G. J. M.L.

Idade: 16

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Por meio de trabalhos e discussões.

Com que frequência?

Uma vez por semana

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não mudou minhas opiniões, porque eu já tenho a minha opinião formada sobre o assunto.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): JSB

Idade: 17 anos

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

De várias maneiras, trabalhos apresentados, filmes etc. Mostrando o valor dos afrodescendentes, e que somos todos seres humanos com a mesma dignidade.

Com que frequência?

Quase todas as aulas, duas vezes por semana

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não, pois minhas atitudes a respeito disso sempre foram as mesmas, e eu já era bem consciente de tudo, antes mesmo de estudar.



## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): F

Idade: 18

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Lições, apresentações etc.

Com que frequência?

constantemente trabalhos

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): E.M.M

Idade: 18

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Através de pesquisas e textos de livros.

Com que frequência?

Com grande frequência

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Para mim não mudou nada. Pois eu não mudei o meu pensamento por causa disso.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): B R F S

Idade: 17 Anos

Raça: Branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Geralmente na semana da consciência negra.

Com que frequência?

Geralmente quando tínhamos Artes esse ano ainda nenhuma vez.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): M. C.

Idade: 19

Raça: pardo

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Ja foram trabalhados em sala de aula sobre a cultura africana através que produziram relacionamentos a uma tipo de cultura, mas não com a arte

Com que frequência?

Somente nos aulas de arte

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

porque não produziram nenhum impacto nos relacionamentos

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Jordi Dóvil  
Idade: 20 anos  
Raça: Preto

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Sim, mas não neste ano, uma parócha já  
foi discutido, e no ano de 2019, em diálogos na sala de  
aula e alguns de trabalho.

Com que frequência?

Uma vez por ano.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Nem que sim e nem que não, depende das  
pessoas. Se, eles realmente estiverem interessados, se agirem  
com aquele interesse, eu talvez poderia ter algum  
impacto, e talvez aqueles que não têm interesse  
não de nada vão.

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): F. Romci etc.

Idade: 17 anos

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não foi que esse tipo de ensino, não tem no colégio.

---

---

---

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): B. S. C.

Idade: 18 anos

Raça: branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS**

Nome (iniciais): A.S.N.J

Idade: 18

Raça: negro

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---



## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): CP

Idade: 19

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

Nunca trabalhamos, mas tem curiosidade de saber mais e trabalhar com o assunto

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): F.S.S

Idade: 20

Raça: NEGRA

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Algumas vezes acontecem alguns comentários em aula mas não muito.

Com que frequência?

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Raquel

Idade: 24 anos

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

Nunca

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Se alguma comentário  
isso não muda meu modo de  
agir ou pensar, pois não tenho  
nem um tipo de preconceito.

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Andrei Lemos

Idade: 12

Raça: Negro

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

porque, eu queria saber um pouco mais sobre a minha raça, eu queria poder saber um pouco mais da história dos afrodescendentes.

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): BNO

Idade: 18

Raça: Negra

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não, porque sempre disse um pensamento de que todos somos iguais, independente de raça.

---

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): V.C.

Idade: 17

Raça: Pardo-Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS**

Nome (iniciais): Richard

Idade: 17

Raça: Negra

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

Nenhuma

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): D. B. T

Idade: 20 anos

Raça: Branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): R, G, S  
Idade: 17  
Raça: branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,  
De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

NUNCA

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS**

Nome (iniciais): A.S.S.

Idade: 17

Raça: Branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Gabrielle A. dos Melles

Idade: 17 anos

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não, pois não foi dito em relação a este assunto. Mas acho que a cor não é o mais importante, todos somos iguais.

---

---

---

---

---

---

---

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Ma

Idade: 30

Raça: branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): DAS

Idade: 19

Raça: branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): PM

Idade: 40

Raça: Branca

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

teatro  
discussão em sala de aula

Com que frequência?

sim

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

colocou os alunos para pensar

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): CEMG

Idade: 18

Raça: Branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Em forma de dança, e em forma de filme

Com que frequência?

\_\_\_\_\_

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Me deu mais consciência da importância que os afro-brasileiros tiveram na história brasileira, e também nos mostrou a forma como eles eram tratados, sem uma indiferença enorme

## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): Jurandir

Idade: 18 anos

Raça: Branco

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

Com trabalhos, tarefas, textos, cartazes e etc.

Com que frequência?

Algumas vezes, uma vez por ano.

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

Não muito, por que eles são a mesma coisa que os brancos, índios, asiáticos e etc. Claro que tem que existir respeito em ambas mas não sempre todos iguais.



## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AOS EDUCANDOS

Nome (iniciais): A.V.

Idade: 17 anos

Raça: Bulongo

Sexo: Masculino  Feminino

1) Já foram trabalhados, em sala de aula, questões referentes à cultura afro-brasileira e africana? Sim  Não

Se sim,

De que forma?

---

---

---

---

---

---

Com que frequência?

---

---

---

2) Este trabalho produziu algum impacto sobre as tuas atitudes em relação aos afrodescendentes ou sobre a tua vida? Sim  Não

Se sim, quais impactos? Se não, por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---